



**NATHÁLIA DJENANE ASSIS**

**TDAH: PROBLEMATIZAÇÃO DA CAPTURA DISCURSIVA DA  
NORMALIZAÇÃO EDUCACIONAL**

**LAVRAS – MG  
2022**

**NATHÁLIA DJENANE ASSIS**

**TDAH: PROBLEMATIZAÇÃO DA CAPTURA DISCURSIVA DA NORMALIZAÇÃO  
EDUCACIONAL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2022**

**NATHÁLIA DJENANE ASSIS**

**TDH: PROBLEMATIZAÇÃO DA CAPTURA DISCURSIVA DA NORMALIZAÇÃO  
EDUCACIONAL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho – Universidade Federal de Lavras - UFLA

Prof. Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis – Universidade Federal de Lavras - UFLA

Prof. Tatiane Carvalhaes Araújo - Universidade Federal de Lavras - UFLA

---

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2022**

*Dedico este trabalho a Deus por ser o meu refúgio e a minha fortaleza nos momentos mais difíceis e por sempre guiar os meus passos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida, por ser o meu refúgio sempre que preciso, e por me direcionar em cada passo dado até aqui. Agradeço aos meus pais, Érica Djenane Pádua Assis e João Batista de Assis, por sempre estarem ao meu lado e serem minha base para desenvolver este trabalho, me incentivando e apoiando em todas as minhas decisões e principalmente por não terem me deixado desistir.

À minha irmã, Luany Djenane Pádua Assis, pelo companheirismo e que com sua risada contagiante tornou cada momento de desespero mais leve.

Agradeço ao meu noivo Wendel Bernardo Alves por ser minha inspiração e exemplo para superar cada obstáculo e por mostrar que sempre podemos chegar mais longe! Agradeço também por todo apoio e ajuda com este trabalho, sem dúvidas sua ajuda foi fundamental.

Aos professores que influenciaram na minha trajetória, especial, ao professor Dr. Alexandre Filordi de Carvalho, meu orientador, com quem compartilhei minhas dúvidas e angústias a respeito do tema. Sua dedicação, incentivo e paciência foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Gratidão por tudo. Agradeço também, pela leitura atenta e críticas dos professores da banca examinadora, Dr Eliasaf Rodrigues de Assis e Tatiane Carvalhaes Araújo.

A todos os meus companheiros dessa jornada, em especial, à minha dupla de sempre e para sempre Vitória Regina Costa pelo companheirismo e por estar ao meu lado desde o primeiro semestre da graduação. Você foi essencial para minha formação acadêmica, aprendi muito com você. Obrigada por tudo e principalmente pela amizade.

Agradeço às minhas amigas, Isadora de Fátima Santos e Ubanize Carvalho por todo apoio, incentivo e palavras que ajudaram a acalmar o coração nos momentos angustiantes principalmente durante a pesquisa. Estar com vocês diariamente tornaram meus dias mais alegres.

Agradeço aos meus avós, amigos, primos e primas, tios e tias e a todos que participaram, de forma direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

## RESUMO

Tendo em vista que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) vem sendo cada vez mais diagnosticado nos indivíduos em idade escolar, proponho neste estudo pensar o tema a partir da manifestação da cultura atual, o que implica uma compreensão conjuntural, não apenas do ponto de vista médico-clínico, mas também da formação da sociedade atual, visto que, é através dessa relação cultural que o estereótipo de anomalia é listado e, em grande maioria das vezes, regado pelo preconceito, pois se tratando das relações humanas e do convívio social, existe uma condição enraizada em nossa cultura como fator determinante a uma ação normalizadora. E aqueles que são considerados mal adaptados são vinculados à patologização e à tentativa de dominação dos corpos por controle e mecanização sociais, sendo o ambiente escolar o maior precursor disso, devido à sua iniciativa de classificar e qualificar. Corroborando para as questões sociais, abordei a mídia como um canal propagador e reforçador dessa concepção médica e medicamentosa do TDAH.

**Palavras-chave:** TDAH. Dificuldade de aprendizagem. Comportamento desviante. Normatização. Sociedade. Mídia.

## **ABSTRACT**

Considering that Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) has been increasingly diagnosed in school-aged individuals, I propose in this study to think about ADHD from the manifestation of current culture, which implies a conjunctural understanding, not only from a medical-clinical point of view, but also from the formation of current society, since it is through this cultural relationship that the stereotype of anomaly is listed and, in most cases, watered by prejudice, since it is about human relationships and social life, there is a condition rooted in our culture as a determining factor for a normalizing action. And those who are considered ill-adapted are linked to pathologization and the attempt to dominate bodies through social control and mechanization, with the school environment being the greatest precursor of this, due to its initiative to classify and qualify. Corroborating the social issues, I approached the media as a propagating and reinforcing channel of this medical and medication conception of ADHD.

**Keywords:** ADHD. Learning difficulty. Deviant behavior. Standardization. Society. Media.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>TDAH</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>A EMERSÃO DO TDAH NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>VIVER EM SOCIEDADE E AS RELAÇÕES DA BOA CONDUTA: O CAMINHO PARA VIDA NORMAL</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>TDAH- USO PROLONGADO DA MÍDIA SOCIAL</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E A SUA REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>TDAH COMO PROBLEMATIZAÇÃO DA CAPTURA DISCURSIVA DA NORMALIZAÇÃO EDUCACIONAL</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade TDAH passou por diversas nomenclaturas até ser definido como um problema neuropsiquiátrico de origem biológica marcada pela hereditariedade, porém, este fato ainda gera muitas controvérsias. Para tanto, aqui será apontado condições que merecem ser consideradas tanto quanto os laudos médicos que é o de analisar o contexto cultural e social e entender que os seres humanos estão em constante transformação no meio em que vivem e, em virtude disso, novos valores e considerações precisam ser levados em conta, bem como derrubar padrões e normatizações impostas em uma cultura a qual já não os cabem.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa consiste em refletir acerca da sociedade e de sua composição, levando em consideração a era digital, acesso rápido às informações e tecnologias presente no dia a dia do ser humano e também a necessidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Diante disso, sobreveio a percepção de que o número de laudos de pessoas com TDAH e o uso de medicamentos à base de anfetamina e metilfenidato vem aumentando com o passar do tempo. Para muitos, este fato é explicado devido aos avanços que permitiram a melhoria dos estudos e assim chegar ao diagnóstico; para outros, estes se atrelam a outras possíveis causas as quais a busca pela normalização, patologização e controle dos corpos são fatores predominantes.

Posto isso, vale dizer que desde as experiências de estágio, durante a minha formação, fui conduzida para a reflexão sobre fatores predominantes que cercam a captura discursiva da normatização dos espaços escolares, sobretudo como um ambiente de maior controle dos corpos, de observação dos comportamentos desviantes e das dificuldades de aprendizagem, uma vez que um comportamento que difere do padrão considerado normal para aquele ambiente, em geral, é categorizado por falas estereotipadas que enaltecem as características individuais dos sujeitos, sendo eles estigmatizados por suas dificuldades e problemas comportamentais (LANDSKRON; SPERB, 2008).

Tais discursos são reproduções de abordagens do senso-comum, assim como destacam Collares e Moysés (1996) em suas pesquisas, as quais demonstram que aqueles que possuem expressões biopsicossociais indesejáveis são vítimas fáceis de serem categorizadas no ambiente escolar como inaptos, incapazes, problemáticos ou, em alguns casos, portadores de algum tipo de déficit ou distúrbio limitador da aprendizagem e do ajuste à escola. O que contribui para categorizar os estados de (a)normalidade como fenômeno de patologização. Assim, como destaca Legnani e Almeida (2008), o diagnóstico TDAH tem sido apresentado

no intuito de enganchar a psicopatologização frente às dificuldades que aparecem na infância, seguindo um pensamento que reduz o desenvolvimento e o psiquismo humano. É nesse sentido que Silva (2010, p. 169) explana que os desafios pretensamente considerados indisciplinados são atribuídos à dificuldade de aprendizagem. No entanto, tais aspectos são resolvidos com laudos de um “viés médico” e de medicamentos.

Com base no exposto, a tendência de classificação de dificuldade escolar é estabelecida a partir daquilo que é considerado estranho, dicotômico – normal/anormal – e fora dos padrões preestabelecidos. Segundo Foucault (2001 apud ALMEIDA, 2006), os indivíduos são colocados em categorias que definem suas particularidades como consequência de comportamento desviante e fora do estado de normalidade. Nesse sentido, ao analisar as relações sociais e culturais e o ambiente escolar, sendo este o canal de maior tributo social e cultural, pode-se perceber que o discurso que permeia o TDAH busca enaltecer os traços individuais, as dificuldades educacionais, comportamentos desviantes e a tentativa de padronização dos seres humanos reforçando, assim, as descrições da patologização individual e do ambiente.

Para além das reflexões que circundam a catalogação do transtorno em questão, o presente trabalho constitui em produzir um arquivo sintético acerca dos discursos proferidos pela mídia brasileira, considerando ser de fácil acesso ao público em geral, visando a refletir sobre as informações que tangem o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e como o discurso científico tem suas informações traduzidas e voltadas para a população. De igual modo, busca-se entender o uso prolongado das telas e o efeito que estas possuem no ser humano, induzindo-o à descontinuidade e atribuindo a valorização de situações momentâneas de curto prazo e as suas reações aos estímulos cerebrais para o desenvolvimento infantil e a partir disso, buscar compreender o valor da inclusão dissociada ao discurso de normalidade. Logo, surge a necessidade de entender a problematização do TDAH na esfera midiática bem como, no contexto educacional e seu reflexo no âmbito social.

## **2 O TDAH – TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

### **2.1 A emersão do tdah no contexto contemporâneo**

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem sido tema de estudos em diversas áreas do conhecimento, devido ao aumento significativo de diagnósticos. Porém, no que tange a esse transtorno, ao analisar a sua trajetória na literatura médica, percebe-se que o seu início se deu na primeira metade do século XX e de lá para cá passou por muitas mudanças. Isso torna necessário entender suas acepções, visto que, em tão pouco tempo, houve várias alterações em sua nomenclatura. Dentre eles estão: a "encefalite letárgica", "dano cerebral mínimo", "disfunção cerebral mínima", "hipercinesia", "doença do déficit de atenção" (DDA) e "transtorno de déficit de atenção com hiperatividade - TDAH" (TIMIMI, 2002).

Para os críticos, a volatilidade dificulta a compreensão do transtorno e isso faz com que ele se atrele a outras patologias, dando ao TDAH um diagnóstico “guarda-chuva”, como ressalta Caliman (2010), ou “multifatorial” como destaca Turcke (2016). Nesse sentido, a história do diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é integrada por outros diagnósticos psiquiátricos que, segundo Caliman (2010), estão entre as disfunções da vida normal e da patológica.

Para tanto, a primeira abordagem sobre ao que hoje conhecemos ser o TDAH, estava associada à síndrome da encefalite letárgica, cujo sintoma principal além da infecção era o atraso na resposta física e mental. Esta síndrome foi considerada como uma patologia infecciosa e misteriosa que até o presente não foi desvendada, mas desafiou o conhecimento neurológico da época. De acordo com Gavagai (2014, p. 28), “acreditava-se que os sintomas eram provenientes de algum dano cerebral causado por alguma infecção”, o que não foi comprovado. Assim, se fez necessário partir para o próximo estudo, sendo este delineado para o dano cerebral mínimo que se caracteriza por um transtorno relacionado ao comportamento, a linguagem e a aprendizagem, ou seja, relativo a uma causa orgânica.

Antes da publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM<sup>1</sup> III (1980), as condições motoras eram fatores que descreviam o transtorno nas

---

<sup>1</sup> Publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) é o dispositivo oficial de traçar os diagnósticos psiquiátricos nos Estados Unidos, sendo utilizado em grande escala no mundo e, tendo assim, grande influência sobre a Classificação Internacional de

premissas psiquiátricas, devido ao excesso de movimento e a incapacidade de inibição dos impulsos. No ano de 1957, o transtorno passou a ser descrito como a síndrome do impulso hipercinético, ou seja, a muita inquietação e agitação. Em 1960, mais uma vez foi redefinido como a síndrome da criança hiperativa, contudo, essas mudanças, fizeram com que a hipótese da existência de uma lesão cerebral fosse substituída pela presença de um déficit neurofisiológico. (CALIMAN, 2010).

No final da década de 1970, a desatenção passou a ser observada juntamente com a hiperatividade, causando mudanças na forma de acompanhamento, e mesmo que assistida por tecnologias visuais e cinematográficas a análise das patologias do movimento não era o único fator, isso fez com que o diagnóstico se ampliasse e relacionasse a presença da desatenção, porém, foi observado que nem toda criança desatenta seria hiperativa. E a busca incessante para uma conclusão, fez com que nos anos 90, o transtorno fosse analisado novamente e assim, passou a ser visto como um defeito inibitório.

Devido a toda essa passagem histórica, o TDAH fez com que a ciência médica, conforme Caliman (2010) começasse a discursar sobre saúde mental de pessoas que não são mal desenvolvidas, tão pouco deficiente mental. Logo as consideraram mal adaptadas, fortalecendo, portanto, a patologização voltada à incapacidade moral, política e econômica da sociedade, vinculando-as à “cerebrização das disfunções adaptativas sendo estas, relacionadas ao fracasso ou ao sucesso”. (CALIMAN, 2010, p. 51).

Nesse sentido, se torna importante entender as características observadas do TDA/TDAH sobre a perspectiva da pedagogia, psiquiatria, neurologia e pela abordagem comportamental. Assim, os autores Rocha, Carvalho e Pacheco (2010) expõem que para o viés pedagógico, o transtorno é analisado através da presença das dificuldades nas percepções e na aprendizagem. Já a Psiquiatria, busca explicar através das características motoras, impulsivas e a desatenção, sendo estas caracterizadas como uma disfunção do sistema nervoso central. E a abordagem comportamental procura diagnosticar o transtorno a partir da sua relação com o meio e em quais situações o sintoma aparece. Tanto para a neurologia quanto para a psiquiatria, o TDA/TDAH é explicado como possíveis disfunções do sistema nervoso central. Frente a estes pontos de observações dos profissionais das distintas áreas, mas que se unem para analisar a criança e dar a ela um diagnóstico, se torna pertinente refletir a respeito

do desenvolvimento humano (corpo e mente) visto que, as características as quais são observadas estão relacionadas a estas questões.

## **2.2 Viver em sociedade e as relações da boa conduta: o caminho para vida normal**

O ser humano é uma espécie que vive em sociedade desde o nascimento. E para uma boa convivência e relação ele precisa aprender sobre a moral e a ética que se atrelam ao entendimento de valores, crenças e regras de conduta que poderão sofrer alterações de acordo com as dimensões sociais, culturais e históricas ao qual esteja inserido, cuja aprendizagem pode ocorrer a partir do contato uns com os outros ou com o ambiente. Para tanto, é sabido que o humano é um ser social e histórico, como revela os estudos sobre a psicologia histórico cultural em que a evolução e a transformação são fatores importantes para “a formação dos costumes e também da hominização” (TURKE, 2016. p. 13). Conseqüentemente, na medida em que ele se desenvolve, o contato social deixa de ser restrito à família e vai se ampliando para outros costumes e cultura (WALLON, 1995).

Dá-se, então, importância ao vínculo da criança com outras pessoas, como algo fundamental para o seu desenvolvimento, pois é através dele que irão ocorrer mudanças no desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. Pensando nisso, estudos pautados na infância resultaram na definição dos comportamentos e habilidades adequadas para cada estágio em que a criança se encontrava, definindo o comportamento e características esperadas como “normal” para cada idade, bem como o seu estado de saúde (WALKERDINE 1998, *apud* COUTINHO, 2008).

Sobre esta perspectiva, é importante salientar que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), "a saúde de todos os povos é essencial para conseguir a paz e a segurança, e depende da mais estreita cooperação dos indivíduos e dos Estados" (OMS, 1946 *apud* RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015, p. 537). Dessa forma, o conceito de saúde passa a ser estabelecido pela OMS (1946) como "um estado completo de bem-estar físico, mental e social". Ainda sobre o ponto de vista de Resende, Pontes e Calazans (2015), seguindo as definições de saúde, a OMS aponta que para o ser humano “interagir satisfatoriamente com a sociedade, por meio do trabalho e da família, precisa estar dotado de um pleno bem-estar, e atrelado a isso, é imprescindível a ausência de síndromes psicopatológicas” (HANSEN, 2004 *apud* RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015, p. 537). Mas o que se pretende dizer com essas passagens?

Enquanto seres humanos, e por conviver em sociedade, é necessário serem ensinados e moldados para o bom convívio e, principalmente, se fazerem pertencentes a um círculo social e cultural, sendo estes, em grande medida, formadores da identidade. Logo, seguindo aos padrões culturais e formativos instituídos, sobretudo quando se há uma lista de condições preestabelecidas a se seguir para uma boa vida, ver-se então que a ênfase principal se reduz à aptidão para o mercado de trabalho. Diante disso, é notório a rotularização patologizante das pessoas que não se enquadram aos padrões e normas impostas para a organização da sociedade o que conseqüentemente, tem-se a busca constante de categorizar os seres humanos entre típicos e atípicos, através de termos e nomenclaturas que induzem a justificativa para o estado de anormalidade, ou melhor, referendando a dominação dos corpos por controle e mecanização social.

Para tanto, frente a este contexto de patologização desdobrado em características sociais, torna-se necessário entender acerca da incapacidade moral, política e econômica que cercam as diferenças. Nesse sentido, Durkheim (199 *apud* LESSA; CAREGNATO, 2019, p.249) aborda que “as relações sociais são permeadas de normas e expectativas morais, onde a moralidade se refere às normativas comuns de uma sociedade”, logo, demandando enquadres aos padrões impostos no intuito de seguir regras, obedecê-las, e muitas vezes ser privado de questioná-las. De outro modo, segundo Grégoire Chamayou (2020 *apud* PAGNI, 2020, p. 160), “é a disposição interna ao objeto de ser conduzido, sua propensão a deixar-se dirigir, a docilidade ou a ductilidade dos governados” que reforça tal perspectiva. Logo, um dos maiores caminhos de dominação passa pela escola, e para aqueles que não se enquadram aos princípios da moral neste ambiente sofrem constantemente retaliações, punições e são tidos como “problema” que precisam de ajuda de profissionais da área da saúde tais como: psicólogos, neurologistas, psiquiatras, psicopedagogos e também de terapias específicas para que os auxiliem e os induzam ao “controle da delinquência e dos desvios da moral” (CRUZ; LEMOS; PIANI; BRIGAGÃO, 2016 p. 288). E acarretado a isso, há

[...] influência da indústria farmacêutica no incentivo à sua investigação e produção como entidade nosológica; bem como os contornos contemporâneos da vida ocidental, marcada pelo excesso de informações, pelo imperativo do consumo e pela transitoriedade das relações. (CRUZ; LEMOS; PIANI; BRIGAGÃO 2016 p. 288).

Nesse sentido, Pagni (2021), em sua obra *Ingovernável da deficiência, sua radicalidade ontológica e seus devires clandestinos na educação e na filosofia*, discorre sobre o estado de anormalidade a partir do avanço psiquiátrico no século XIX, abordando a

mudança no que diz respeito às condições da anormalidade em que esta “deixa de ser atribuída exclusivamente a uma condição patológica do organismo e passar a ser considerado um estado em que a patologia se torna dispensável para que a condição de anormal se generalize” (PAGNI, 2021, p. 162). Pagni (2021) argumenta, com base em Foucault (2010), que a anormalidade é um radical daquele que está atrelado a um estado,

[...] que pode se patológico ou desviante, no comportamento ou no corpo, pode ser efetivamente produzido a partir do estado. É que o estado não consiste em traços mais ou menos acentuados. O estado consiste essencialmente numa espécie de déficit geral das instâncias de coordenação do indivíduo. Distúrbio geral no jogo das excitações e das inibições; liberação descontínua e imprevisível do que deveria ser inibido, integrado e controlado; ausência de unidade dinâmica – é isso tudo que caracteriza o estado (FOUCAULT, 2010 *apud* PAGNI, 2021, p. 162).

Diante disso, a anormalidade tornou-se algo generalizado, disponível na psiquiatria através de qualquer conduta, seja ela “fisiológica, psicológica, sociológica, moral e até juridicamente desviante” (FOUCAULT, 2010 *apud* PAGNI, 2021, p. 162). Assim, quando aborda características a respeito da conduta desviante da moral e dos fatores sociológicos, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é logo diagnosticado, sobretudo na criança em fase de alfabetização. Isso torna o relato do neuropediatra Schwartzman cuja fala é citada por Correia (2014), de extrema importância para entender como o TDAH está ligando a conduta da boa moral e do processo de aprendizagem. Desse modo, o médico afirma não ter dúvidas sobre a existência do TDAH, mas acredita que as concepções que vêm sendo discutidas têm levado a um constante erro, pois o problema está relacionado à existência de diagnósticos mal feitos e pessoas com transtorno sem diagnóstico.

Esse discurso demonstra a necessidade do laudo mesmo que sem veracidade, como uma forma de justificar os problemas comportamentais e de aprendizagem, além de sugerir o uso de medicamentos à base de metilfenidato ou a anfetamina de forma indiscriminada, sendo estes popularmente conhecido como Ritalina<sup>2</sup> ou Venvanse<sup>3</sup>, o que gera em alguns autores preocupação em relação ao uso constante, uma vez que a sua utilização a longo prazo, resulta

---

<sup>2</sup> Ritalina É o nome dado popularmente para o metilfenidato, um tipo de estimulante do sistema nervoso central, comumente utilizado para o tratamento de pessoas com sintomas de TDAH desde 1960, conhecido na época como a pílula matemática” (CORREIA, 2014, p.13)

<sup>3</sup> “Venvanse nome dado popularmente para a anfetamina, um estimulante do sistema nervoso central, comumente utilizado para o tratamento de pessoas com sintomas de TDAH e seu efeito é de uma duração bem maior que o Ritalina”. (ZENKLUB,2022, n.p.)

efeitos colaterais<sup>4</sup> que poderiam ser evitados caso a patologia fosse tratada de outra forma. Para Schwartzman (2006 *apud* Correia, 2014 p.13), em muitos dos casos, o “problema” poderia ser resolvido com mudanças nos âmbitos escolares e familiares.

A partir dessa solução apontada pelo médico, volta-se a pensar nas relações sociais e como a TDAH está atrelada a ela. Para tanto, entende-se a criança como um ser contextualizado, que pertence a um meio social de relação cultural e de interação que auxiliam e refletem em suas atividades humanas sendo estas, segundo Wallon (1995 *apud* DAUTRO; LIMA, 2018, p. 6), marcadas por: conflitos, retrocessos, rupturas e consequências das modificações ambientais. A partir disso, Türcke (2016) defende a ideia de que o déficit de atenção precisa ser entendido como uma manifestação da cultura atual, o que implica uma compreensão conjuntural, não apenas do ponto de vista médico-clínico, mas, também, da formação da sociedade.

Assim, quando se aborda o Transtorno do Déficit de Atenção, simultaneamente os discursos proferidos pelo viés clínico são relacionados à tríade composta pela distração, impulsividade e hiperatividade, sendo este considerado pela perspectiva da saúde como um problema neuropsiquiátrico de origem biológica marcada pela hereditariedade, em que seus sinais manifestam-se antes dos sete anos de idade, podendo persistir até a idade adulta, como ressalta Domingos e Riso (2000), porém, deixando em segundo ou último plano as produções das relações sociais. Tal aspecto nos faz retomar a perspectiva cultural, uma vez que as doutrinações mudam de um lugar para outro. A França por exemplo, entende que as relações psicológicas e as condições sociais são fatores primordiais para entender o déficit de atenção e não exclusivamente as questões neurobiológicas. De acordo com Correia (2014, p. 15),

[...] os psiquiatras infantis franceses vêem o TDAH como uma condição médica que tem causas psicossociais e situacionais, em vez de tratarem os problemas de concentração com medicamentos, preferem avaliar o problema subjacente que está causando o sofrimento nesta criança, não o cérebro da criança, mas o seu contexto social.

Logo, surge assim a necessidade de refletir sobre as novas condições sociais, bem como a mudança sobre a percepção dos sujeitos, isto é, em sua subjetividade, cuja mutação subjetiva está entrelaçada

---

<sup>4</sup> Estudo publicado por Klein-Schwartz (2002) descreve as principais manifestações clínicas causadas pela overdose de metilfenidato. São: agitação, crise convulsiva, alucinações, psicose, letargia, tonteira, taquicardia, hipertensão e hipertermia. (KLEIN-SCHWARTZ, 2002 *apud* PASTURA; MATTO, 200, P.103).

[...] ao uso cada vez mais constante de drogas psicoestimulantes desde a infância. Entretanto, a constituição das crianças também está marcada pelo excesso de imagens via computadores, tablets, jogos eletrônicos, enfim, por toda uma exposição limitada à “cultura” das mídias digitais. (SORBARA 2016, p.28).

Nesse sentido, Sorbara (2016) expõe que diante dessa nova formação da vida, a cultura perde a sua essência espontânea e popular e passa a ser vista como objeto das empresas que ofertam produtos e entretenimentos padronizados para a grande massa. O mesmo acontece com a indústria farmacêutica, que de acordo com a autora domina a economia a partir da criação de uma medicação para tratar algo. Posteriormente, a mesma indústria se ocupa de produzir o público alvo para o consumo. E nesse caso para Sorbara (2016) é o que acontece com o TDAH.

Diante desses levantamentos a respeito da nova formação da vida, torna-se pertinente voltar os olhares para o uso excessivo das telas e entender qual a sua relação com o diagnóstico de TDAH, afinal, se ele se relaciona aos fatores culturais e sociais e as telas são a nova composição cultural da sociedade, estes fatores podem estar relacionados. E para, além disso, é preciso entender a influência que os canais midiáticos tem para a imposição do transtorno do TDAH na sociedade e como ele corrobora com a alimentação da indústria farmacêutica, o que se discorre no tópico a seguir, bem como a ideia de normalização, rotulação e o controle dos corpos, principalmente no espaço escolar, afinal, é neste espaço que as observações sobre os desvios de conduta apresenta maior intensidade, para tanto, estes levantamentos serão analisados no decorrer da pesquisa em tópico específico.

### 3 TDAH - uso prolongado da mídia social

O mundo se encontra em constantes mutações, entende-se que junto a esse fenômeno, a sociedade passa por situação de crise nas esferas “institucionais, políticas, culturais, nas relações de normas morais e éticas” (SORBARA, 2016, p. 16). Tudo isso, devido a relação capitalista que o mundo vive e a sua necessidade de expansão comercial e os avanços das tecnologias e da ciência, logo, esses fatores são condicionantes no quesito da educação ao analisar o espaço escolarizante, sendo ele o precursor sociocultural que se moldou para atender os interesses do mercado cujo intuito está em padronizar e reproduzir o “homem consumidor e cidadão privatizado” (SORBARA, 2016, p.16). E para se fazer pertencente a sociedade é preciso se adaptar a isso.

Desse modo, o homem nesta era considerada *high teche*<sup>5</sup>, possui acesso às informações dispostas através de códigos digitais a um “*click*” e em qualquer lugar. E isso se dá devido aos avanços da “biotecnologia e da neurociência” como exposto por Sorbara (2016, p. 18). Nesse sentido, as condições tecnológicas como a

[...] aparência, simulacro, virtualidade e imagens passam a desempenhar importância fundamental na vida social e no imaginário das pessoas. Isso ocorre à medida que se acelera e generaliza o processo de racionalização das organizações, atividades, relações e estruturas sociais baseadas na técnica, na eletrônica, na robótica e nas tecnologias da informação e comunicação (TIC). O cidadão aparece como multidão, não há mais espaço para singularidade no ciberespaço (SORBARA, 2016, p. 18)

Dada essa situação de crise do sujeito único, constata-se que esta não é a única crise existente na sociedade, os vínculos sociais também se encontram fragilizados, as pessoas não se encontram mais presencialmente e quando se encontram passam o tempo todo nas redes sem estabelecer vínculo e diálogo com aquele que está próximo, sendo essa a consequência da modernidade e do capitalismo. Agora, segundo Sobara (2016, p. 18):

---

<sup>5</sup> High Tech: “é a fase do pós-modernismo que marca a era da computação. A geração hi-tech, estão com suas vidas expostas tanto pública como privada nas redes sociais, tudo que se faz é tirado foto e postado no facebook, instagram e etc., e os jovens e crianças nas escolas o tempo todo com o celular na mão jogando, acessando a internet no bate-papo, até as mensagens sms são trocadas, sem precisar se deslocar até o outro para conversar” (VIEIRA, 2013, n.p.)

O tempo eletrônico das imagens comanda a vida, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios que hoje já estão empobrecidos. Assistimos ao surgimento de um mundo sistematizado, tecnificado e ultra pragmático, que impõe os princípios de quantificação e eficiência a todas as atividades, produções culturais, modos de vida e de cosmovisão.

Continuando com o que Sorbara (2016, p. 18) explora, essa nova composição cultural vem se transformando:

O modo de pensar, comunicar, viver, produzir e consumir, atingindo simultaneamente diferentes pessoas em diferentes espaços, constituindo uma economia global, planetária, uma cultura de “virtualidade real”, que integra diversas partes do globo em um universo eletrônico. (SORBARA, 2016, p. 18).

Desse modo, esse ciclo é composto pela busca incessante da satisfação imediata o que aproxima cada vez mais a sociedade das tecnologias e estas estão cada vez mais atualizadas e modernas, e a prova disso é o avanço da Web para 2.0, como destacado por Barbosa e Rennó (2020), cujo intuito dessa plataforma é o de permitir que os usuários se tornem produtores de notícias através das ferramentas que compõem a rede global, softwares sociais, mídias sociais e redes sociais, permitindo a criação e o compartilhamento de conteúdos diversificados de forma “dinâmica e ágil, promovendo a interação, diálogo e colaboração mútua” (MARQUES; VIDIGAL, 2018 *apud* BARBOSA e RENNÓ, 2020 p. 72).

Diante disso, é notório que o acesso às redes e às mídias sociais estão acontecendo cada vez mais cedo, afinal de contas quem nunca viu um bebê já possuindo certo domínio nos *smartphones*? Tendo contas nas redes sociais ou até mesmo ouvindo a fala de familiares que o pequeno já sabia acessar ao “*youtube*” ou ao “*joguinho*” e até rolar com o próprio “*dedinho*” a barra de ferramenta dos aparelhos celulares? Segundo dados publicados pela Ferreira, Izequiel (2021) a empresa AVG Digital Diaries, levantou o dado de que 73% das crianças, com idades entre três e cinco anos, já sabem fazer uso de eletrônicos, mas grande parte ainda não sabe sequer escrever o próprio nome e este fato mostra que o universo digital está cada vez mais na palma das mãos dos seres humanos e que a partir dele acarretou a transformação da vida em sociedade. Segundo Barbosa e Rennó (2020 p. 72) “a sociedade tornou-se organizada, eliminando a noção de continuidade e permanência, dando assim lugar a instabilidade e ao momentâneo”.

Conforme a neuropediatra, Ellen Balielo Manfrim, entrevistada por Ferreira; Izequiel (2021) para o web site *colab Puc Minas*, o desenvolvimento cérebro-motor ocorre através de estímulos e interações sociais, portanto, o uso de telas são prejudiciais para estas formações, acarretando, segundo a médica, várias doenças e distúrbios, sendo “a principal causa do déficit de atenção, atrasos cognitivos, impulsividade, hiperatividade, dando-se pela falta de estímulos ambientais ao cérebro” (FERREIRA; IZEQUIEL, 2021, n.p.). O argumento é que a criança não precisa criar, ela já tem algo ali, pronto para consumir. Com isso, o cérebro se torna preguiçoso e faz com que ele seja resistente em exercitar em tarefas e atividades que demandam pensar e criar, a criança fica ociosa e impaciente e não consegue esperar a sua vez ou até mesmo se entreter sozinha.

De acordo com o corpo de escritores da página Bem Viver da Uol (2018), existe um estudo realizado pela Universidade da Califórnia do Sul, nos Estados Unidos, e publicado no JAMA, abordando que o uso excessivo de conteúdos digitais pode aumentar o risco de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) entre adolescentes. Ao longo da pesquisa,

[...] os pesquisadores acompanharam 2587 estudantes com idade entre 15 e 16 anos, durante dois anos, que não apresentavam sintomas ou diagnóstico de TDAH. Depois de fazer algumas perguntas, os cientistas classificaram os jovens de acordo com a frequência de uso de mídia em três categorias: sem uso, uso médio e alto uso. Resultado: 9,5% dos adolescentes que apresentaram alto uso em metade das plataformas pesquisadas apresentaram sintomas de TDAH; e 10,5% dos jovens com alto uso em todas as mídias desenvolveram sintomas de TDAH. Na outra ponta, 4,6% dos voluntários sem uso frequente das mídias digitais desenvolveram o transtorno. (VIVA BEM/UOL, 2018, n.p.).

Este estudo colabora com a compreensão da fala da neuropediatra Ellen Balielo Manfrim citada acima, que aquelas crianças que possuem acesso e uso frequente às telas, principalmente às mídias sociais como “*Youtube*”, jogos, “*Tiktok*”, entre outras plataformas, que não proporcionam o estímulo cerebral necessário, “entram na escola já com déficit de atenção” (FERREIRA, IZEQUIEL, 2021 n.p.). Além disso, o vício em relação às redes e em smartphones resultam também, segundo Oliveira, Silva e Cardoso (2021) em habilidades cognitivas menores e um desempenho escolar prejudicado associado às questões da impulsividade e atenção reduzida. Ainda segundo Oliveira, Silva e Cardoso (2021) os pacientes que fazem uso frequente das telas mostraram em seus exames neuroanatômicos,

[...] uma redução no volume regional de matéria cinzenta do córtex pré-frontal dorsolateral bilateral, cíngulo anterior e área motora suplementar, que está envolvida no controle executivo e atenção. (OLIVEIRA; SILVA; CARDOSO, 2021, p. 5).

Levando em consideração as questões do desenvolvimento motor, cognitivo e cerebral bem como as relações sociais, Oliveira, Silva e Cardoso (2021) apontam também para outra perspectiva causadora do TDAH, sendo ela atrelada ao brilho das telas e dos aparelhos digitais. Segundo os autores, estes aparelhos possuem uma faixa de onda de luz azul que colabora para a baixa produção da melatonina, e por consequência, atribui dificuldades para dormir, o que contribui para os sintomas desse transtorno.

Consequentemente, se tratando do uso exacerbado da internet e o uso da tela, cabe o diálogo sobre essas ferramentas usadas pela criança, gerando desatenção e dificuldade de se manter focada e quieta, porém, enquanto a criança com TDAH faz o uso dessas tecnologias ela consegue diminuir a hiperatividade e manter o foco para isso? A resposta está relacionada à produção do hiperfoco<sup>6</sup>, pois o que vê atualmente são crianças são alimentadas por resposta rápida e recompensa imediata proporcionadas por essas tecnologias, diminuem o tédio e a desatenção, pois, elas influenciam na liberação de dopamina pelo sistema de recompensa como exposto por Oliveira, Silva e Cardoso (2021).

De acordo com Oliveira et al. (2021), as crianças tendem a seguir o exemplo dos adultos e, diante disso, é pertinente refletir sobre a influência que os familiares podem exercer sobre elas no que diz respeito ao uso excessivo das mídias e telas. Em suma, o contexto familiar tem forte influência no comportamento e atitude das crianças, e que não é somente nas escolas que as crianças precisam ser estimuladas. Segundo Vygotsky (1998), elas necessitam de atividades específicas que proporcionem o aprendizado, pois o seu desenvolvimento está relacionado às experiências e interações em que foram submetidas, ou seja, é necessário apresentá-las a condições que as permitam exercer a sua formação psicomotora, cognitiva e o social.

---

<sup>6</sup> “hiperfoco é classificado como a capacidade que a pessoa possui de se concentrar em algo específico.” (NEURO SABER 2022, n.p.)

### **3.1 O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e a sua representação midiática**

Diante do exposto, é notório que o discurso que permeia o TDAH, atribui sua causa às questões biológicas e até mesmo genéticas sendo este discurso de caráter médico/clínico, como afirmado por BRZOZOWSKI e CAPPONI (2017 apud BRZOZOWSKI, 2013; FRANCES, 2013; GUARIDO, 2010). Frente a isso, o TDAH foi apontado neste trabalho como o transtorno do século devido às suas progressões e atualmente este deixa de ser algo unicamente infantil e da fase escolar, passando também a ser analisado na vida adulta, porém este não é o foco a ser abordado, e sim como as informações que tange o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade tem seu discurso científico e informações traduzidas e voltadas para a população brasileira através da mídia, bem como analisar a imposição do transtorno do TDAH na sociedade e como ele corrobora com a alimentação da indústria farmacêutica.

Partindo do pressuposto que a mídia tem um papel importante que é o de propagar informações sobre as mais distintas temáticas, com o intuito de compor o meio social e de influenciá-lo na aceitação de atos e informações, ela é o maior canal de comunicação que tem por objetivo conduzir grande parte do conhecimento da população, principalmente nas temáticas mais difíceis que vem acontecendo ao redor do mundo e também expor as informações de cunho científico.

Para tanto, foram utilizadas palavras chaves que conduzissem a pesquisa sendo elas: TDAH, Ritalina e Mídia. A partir disso, foram selecionados alguns dos grandes canais midiáticos brasileiros e de acesso a todas as classes para compor as informações aqui a serem levantadas, sendo eles: UOL, O Globo, G1 e a Folha de São Paulo. Assim, foram selecionadas vinte e cinco (25) matérias publicadas nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022, sendo elas de cunho informativos, entrevistas com psiquiatras e portadores do transtorno e de autoanálise.

Assim sendo, nas matérias jornalísticas selecionadas houve um número significativo de artigos que tinham sua visão centrada em explicar o TDAH na perspectiva da causa biológica, genética e hereditária. Quatro artigos abordavam além das condições genéticas, hereditárias e biológicas, os fatores sociais e externos, sendo eles: estilo de vida e situações congênitas ocorridas durante a gestação. E apenas um dos materiais analisados abordava um olhar crítico sobre as condições que levam ao diagnóstico do transtorno.

Dos 25 materiais analisados, 23 acreditavam na eficácia da medicação como um tratamento que garantia a qualidade de vida desde que este estivesse atrelado às terapias

comportamentais. Por outro lado, apenas um aborda tratamentos paliativos além do medicamento e da terapia comportamental, tais como: o uso da meditação, a suplementação nutricional, a ginástica cerebral e os exercícios físicos. Porém, todos com um único objetivo, a tentativa de controle dos corpos. E para isso, como frisado por Sanches (2021, p.1) seria necessário um “esforço do paciente para que o método tenha sucesso. Não basta apenas tomar a medicação: o paciente precisa colaborar traçando estratégias para melhorar a atenção”.

Destes 25 artigos, um apresentava críticas em relação ao uso do metilfenidato (ritalina), sendo este colocado como um colaborador (psicofarmacológico de uso abusivo) que, segundo Landman (2019 *apud* JORGE, 2019 n.p.), corrobora para o discurso do TDAH ser uma patologia de causa orgânica. Já outro, apesar de apresentar e criticar os efeitos colaterais que o remédio receitado para o tratamento do TDAH possui, os estudiosos apresentam uma proposta também medicamentosa de cunho natural, que segundo Bernardo Yoneshigue (2022) em sua publicação no jornal O Globo, foi encontrado na cafeína, condições que aumentam a capacidade de concentração e a retenção de informações, porém, este tratamento não apresenta efeito em relação a hiperatividade e impulsividade, que poderiam ser melhoradas com as terapias ocupacionais.

Além destas condições medicamentosas e terapias que supostamente contribuem para o melhoramento da hiperatividade e da atenção, é importante ressaltar que em todas as referências aqui relatadas trataram de apresentar além das características atribuídas ao transtorno e à forma de tratamento, houve a incidência de encontrar materiais que afirmam ser possível se autodiagnosticar seja através de um aplicativo de celular, que a partir da câmera irá medir a pupila e indicar se a pessoa possui o TDAH, como demonstrado pelo jornal O Globo escrito por Azevedo (2022, n.p.), ou a partir de testes online e gratuitos como o disponível no site do G1 formulado por Mattos; Saboya; Dias(2021, n.p.) embasando-se na Escala Adult Self-Report Scale (ASRS-18, versão v.1).

Nessa matéria em questão, foi disposto um quiz com perguntas norteadoras que caracterizam os sintomas do transtorno do TDAH e opções a serem marcadas com alternativas com os seguintes dizeres: nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente e muito frequentemente. Esse questionário também não difere muito dos que são enviados às escolas por psiquiatras ou outros médicos para investigação se a criança possui o transtorno ou não. Porém, é uma situação preocupante que acaba gerando o auto diagnóstico e ao uso desnecessário de medicamentos, sejam eles adquiridos de forma ilegal ou a partir da busca por médico com o intuito de confirmar aquilo que foi respondido.

Entretanto, apesar da ênfase que a maioria dos artigos analisados abordaram, será apresentado adiante um artigo publicado por Marco Antônio Coutinho Jorge (2019) para a Folha de São Paulo embasado no livro “Todos hiperativos? A inacreditável epidemia dos transtornos de atenção”. Nesta publicação, é encontrada críticas bem pontuais a respeito daquilo que tange o transtorno, a começar pelo DSM-V, onde, segundo o autor, trata o TDAH a partir de fatores distintos, porém, o comportamento perturbador que se relaciona a desatenção deve ser a prioridade de análise. Para além disso, o autor do livro sustenta que ocorre um “erro inerente a etiologia biológica”, visto que já houve inúmeras propostas para explicar a causa do transtorno, mas até o momento não houve nenhuma resposta científica que não se sustentasse na correlação “a uma lesão cerebral qualificada mínima” (LANDMAN 2019 *apud* Jorge, 2019 n.p.), o que gera uma lástima ao que concerne os fatores psíquicos e sociais, afinal de contas “nem todos os casos se devem exclusivamente a causas orgânicas” (JORGE, 2019).

Frente a isso, o artigo termina a sua análise a partir a conclusão de Landman (2019 *apud* JORGE, 2019 n.p.) no que diz respeito ao viés psicanalítico que o TDAH seria um

[...] sintoma e não uma doença visto que o ambiente e o contexto familiar e social que o indivíduo portador dos sintomas do TDAH vive, pode contribuir para que a desatenção e a hiperatividade seja um quadro reativo a fatores externos e não a configuração de uma patologia” (LANDMAN, 2019 *apud* JORGE, 2019 n.p.).

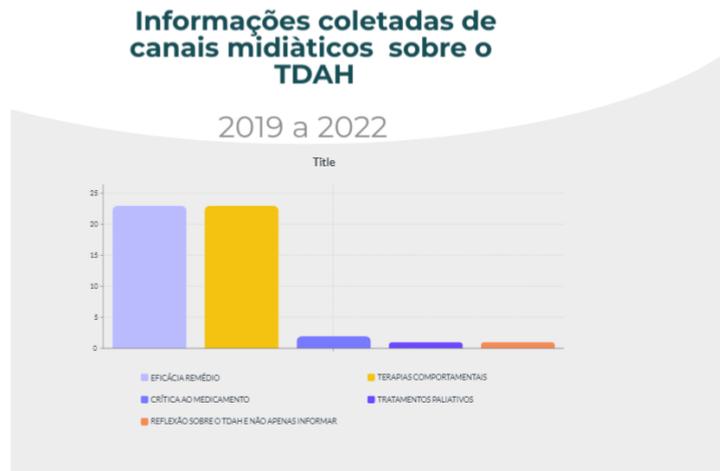
Segundo o autor, a psiquiatria orientada pelo DSM-5 (2018) “cria doenças para em seguida, aparecem fórmulas medicamentosas supostamente aptas a curá-las”. Com isso, ao analisar os discursos proferidos pela mídia, percebe-se que a grande maioria busca informar sem levar as pessoas a refletirem sobre as causas. Encaram o TDAH como uma doença que vem sendo comum devido a quantidade de pessoas que possuem o diagnóstico e que a suposta cura está no uso do medicamento que irá garantir a qualidade de vida e a enquadrar na especificidade de uma pessoa “normal”.

Tal fato colabora para o entendimento da existência de um ciclo que une o DSM e a Indústria farmacêutica, por ter domínio frente à economia, a indústria precisa se ocupar de produzir o público alvo para o consumo, como salientado por Sorbara (2016), e diante da composição cultural a qual a sociedade se encontra, o maior meio para produção do público alvo é através dos canais midiático, que a partir das descrições disposta no DSM sobre o

transtorno alinhado ao medicamento que promete acabar com os sintomas e com a certeza do diagnóstico ocorre o movimento econômico referente ao mundo capitalista atual.

E para além disso, ainda é importante ressaltar que todas as pesquisas trouxeram algo que chama a atenção, que é enfatizar a quantidade de pessoas diagnosticadas com o transtorno. Como ressaltado pelo Yoneshigue (2022, n.p.) em seu artigo, *A cafeína alivia os sintomas do TDAH*, sendo nele, apresentado que só no Brasil há 2 milhões de pessoas com TDAH este fato enaltece a crítica apresentada por Landman (2019 *apud* JORGE, 2019 n.p.) no que tange a causalidade orgânica do TDAH e do uso sistemático e continuado do metilfenidato como tratamento psicofarmacológico e de uso abusivo.

Gráfico que demonstra o levantamento dos dados acerca das reportagens analisadas



#### **4 TDAH COMO PROBLEMATIZAÇÃO DA CAPTURA DISCURSIVA DA NORMALIZAÇÃO EDUCACIONAL**

Após a explanação sobre a conceituação do TDAH e a sua relação com as questões culturais e sociais que se atrelam à composição da sociedade atual denominada de “*high tech*” e à influência que a mídia tem na propagação do transtorno como uma forma de corroborar com a indústria farmacêutica, passa-se a expor agora, os discursos de normalização educacional acerca do TDAH.

Quando se trata do normal ou daquilo que se considera anormal, é necessário voltar os pensamentos para o contexto cultural e como ele determinará e distinguirá essas nomenclaturas. Neste caso, cultura será entendida como algo estrutural criado pelo próprio homem que, segundo Geertz (2008 *apud* CARNAÚBA; PELIZZARI; SILVA JÚNIOR 2017,

p. 255), estabelece padrões de comportamentos, bem como controle, regras e instruções para o bom comportamento. Com efeito, as pessoas que conseguem seguir tais condições sem destoar do correto preestabelecido são tidas como normais, pois são elas que irão “direcionar o indivíduo à proximidade ou ao afastamento das práticas aceitas pela sociedade” (CARNAÚBA; PELIZZARI; SILVA JÚNIOR 2017, p. 255).

E é através dessa relação cultural que o estereótipo de anomalia é listado e, na grande maioria das vezes, regado pelo preconceito, pois se tratando das relações humanas e do convívio social, existe uma condição enraizada culturalmente falando que é fator determinante a uma ação normalizadora. Segundo Kohan (2005 apud BARBOSA, 2020, p. 52), se “compara, hierarquiza, diferencia, homogeneiza e exclui aqueles que apresentam comportamentos considerados inadequados, tais como: atraso, falta de atenção, desobediência, descortesia, gestos impertinentes e descuido”. Contudo, é esta atitude normalizadora que determina o modo/modelo considerado aceitável para agir, pensar e até mesmo para se desenvolver.

Sobre essa perspectiva, ao analisar a criança no lugar onde ela experiencia o cotidiano social mais amplo como a escola, ocorre um equívoco com aquelas crianças que não conseguem se encaixar no padrão (pré)determinado ou que não correspondem às demandas e, com isso, acabam por serem consideradas como um fracasso. Também é preciso considerar que o ensino escolar vai para além da formação intelectual, ele visa ao processo disciplinar e também à docilização dos corpos, através de recompensas e elogios para aqueles que se comportam bem, e para aqueles que se comportam “mal” há a punição e o castigo como uma forma de corrigir suas ações. Nesse sentido, Lahire (2008, p. 68) explicita que:

[...] a escola passa por exercícios cheios de regras, explicações, e as criança que não seguem à risca o que lhes é pedido (executar tal gesto, tal movimento...) são vistas pela escola, lugar por excelência do controle das pulsões e do uso regulamentado do corpo e da palavra, como criaturas que só pensam em „se soltar“, ou seja, „dar livre curso aos impulsos normalmente reprimidos“.

Em virtude disso, aquelas crianças que possuem atitudes e comportamentos que destoam do padrão ideal ocorre a necessidade de serem “dominadas”, uma vez que elas passam a ser ameaças para aquele ambiente e, pretensamente, poderão prejudicar a organização do grupo ao qual estão inseridas. Para tanto, Foucault (2009) aborda a temática da disciplina como uma estratégia para o controle minucioso do corpo, com o intuito de tornar os seres humanos detentores de corpos úteis e submissos a algum tipo de poder, e isto fica evidente no contexto escolar com um posicionamento de hierarquia e a sanção normalizadora em que ambas visam a classificar e qualificar.

Sendo assim, tem-se um registro disponível “[...] às finalidades de toda instituição que examina e que justifica as suas operações no sentido de ortotrar o indivíduo”. (CARVALHO, 2013, p.10). Onde a cultura organizacional do ambiente é feita com o professor à frente e os estudantes dispostos em carteiras enfileiradas, cujo intuito é ter o professor em uma posição central e de vigilância perante a sala, para que este possa ver e controlar os estudantes, além de ser o professor considerado o detentor de todo conhecimento sendo estas características apresentadas por Paulo Freire (1969, p.4) como uma concepção “bancária” da educação, que de acordo com o autor, ela faz do processo educativo um “ato permanente de depositar conteúdo”. De forma complementar a isso, Enguita (1989, p. 185) expõe que:

[...] dentro das salas de aula organiza-se a disposição do espaço para eles mas, sem eles: amplo, aberto e elevado para o professor, mas exíguo, denso e baixo para os alunos; atribuído nominalmente, o que os prega nos bancos e permite a detecção fácil das ausências e a localização imediata do aluno buscado; hierarquizado, talvez, entre eles, em função do rendimento ou de critérios mais arbitrários.

Nesse sentido, se tratando, portanto, da educação em seu contexto arbitrário e bancário, a sua finalidade está em formar meros reprodutores, ou seja, o educando é o depósito de conteúdo que deve segundo Freire (1969, p. 5) "arquivá-los, memorizá-los e reproduzi-los". Logo este fato priva o homem, pois este é proibido de refletir e de criar. Ou melhor, dizendo pensar fora da caixa e tudo isso com um único objetivo

[...] evitar a inquietação, frear a impaciência, mistificar a realidade e evitar a desocultação do mundo a fim de adaptar o homem. [...] Disso resulta que os educandos inquietos, criadores e refratários à classificação seja visto por essa concepção desumanizante como inadaptados, desajustados ou rebeldes (PAULO FREIRE,1969, p. 5).

Este fato é perceptível ao adentrar no contexto escolar, em que esta concepção desumanizante permite deparar com muitas falas estereotipadas, principalmente referente àquelas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem ou não se enquadram aos padrões comportamentais esperados pela escola, o que nos leva à reflexão sobre a formação tanto intelectual quanto cultural da criança. Nessa mesma perspectiva, Lahire (2008) aponta que:

[...] os professores tendem, quando falam de casos particulares, a reter apenas um traço, um elemento da vida da criança (ser canhoto, ter sido operado uma vez, ter problema de saúde) ou da família (família monoparental, pais desempregados que vivem com a ajuda mínima do Estado), para convertê-lo em causa do seu problema escolar (LAHIRE 2008, p.73).

Sendo assim, pode-se verificar que tais argumentos caracterizam as crianças além de remetê-las a uma visão biológica das questões sociais se atrelando à teoria da carência cultural onde o atraso ou dificuldade de aprendizagem são concluídos como culpa da família por não possuírem recursos materiais, ambientais e tão pouco, estimular a criança aos estudos, ou em outros casos, a justificativa para estas situações é a patologização do comportamento e da não aprendizagem. Sob este aspecto, Christofolletti (2012) aborda a vinculação da questão de aprendizagem ao saber médico, o que passou a configurar a esta questão um status de doença.

De igual modo, tudo que não é considerado ideal passa a ser uma patologia. Para Voltolini (2016), nas práticas educativas

[...] a terminologia médica e seus produtos (remédios, categorizações diagnósticas, encaminhamentos, etc.) têm estado presentes de forma abundante em suas práticas. O saber médico, cada vez mais frequente e mais poderoso nas sociedades contemporâneas, chegando mesmo a ser definido como um saber que alimenta e regula os mecanismos de controle da sociedade (VOLTOLINI, 2016, p. 81).

Conseqüentemente, estes discursos e o viés médico têm sido uma alternativa para os profissionais da educação como um meio de “solucionar” ou justificar a não aprendizagem e o “mau comportamento” das crianças. Com isso, a prática da medicalização tem sido cada vez mais empregada e isto exemplifica não apenas a quantidade, mas também a importância das inadequações para as conveniências sociais. Para tanto, não é por acaso que os transtornos, sobretudo o de déficit de atenção e hiperatividade, é o tema psicopatológico de maior incidência entre as pessoas em idade escolar.

Diante desse panorama, é oportuno levantar hipóteses e questionamentos acerca de qual mudança que um documento médico (diagnóstico), entregue à escola, pode direcionar o trabalho pedagógico a ser feito ou será que este é um reforçador para o processo de exclusão e de incapacidade? Bom, o que não se pode negar é a dificuldade que os (as) professores (as) e funcionários (as) das escolas tem em relação ao processo de inclusão pois, segundo Carvalho, Menezes e Pagni (2021, p. 5), acolher uma criança com condições consideradas atípicas como previsto no PNEEPEI gera o sentimento ao corpo docente e funcionários de “afronta a cultura institucional normativa, de tratamento homogêneo dos estudantes, de poderes e de saberes instituídos”.

Com isso, pode-se dizer que tal fato reforça as desigualdades e o desejo de norma. Como já dito anteriormente o caráter excludente busca enaltecer as características que estão relacionadas à deficiência, distúrbio ou transtorno, de acordo com Carvalho, Meneses e Pagni (2021, p. 3), estas condições se atrelam à “incapacidade, incompletude, anormalidade, ineficiência” que determinarão a relação com o meio e também com as práticas escolares.

Este fato, portanto, responde ao questionamento feito acima, sem um laudo médico ou distúrbios e transtornos que não possuem um respaldo legal de adaptação e atendimentos às necessidades, farão com que as condições pedagógicas que atendam à necessidade do aluno não sejam executadas e isso irá gerar a exclusão bem como, a evasão escolar.

E de certa forma estarão tirando do estudante um direito previsto no Art. 3º da lei de Diretrizes e Bases (LDB) que garante a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Pensando nisso, se é um direito, não precisaria de um laudo médico configurado como um aparato norteador para fazer valer o direito de um cidadão. Voltando os olhares para as pessoas diagnosticadas com TDAH, o ano de 2021 foi marcante pois, nele houve a aprovação da Lei 14.254 segundo Kestelman (2022) esta lei

[...] estabelece que as escolas devem assegurar aos alunos com TDAH e Dislexia acesso aos recursos didáticos adequados ao desenvolvimento de sua aprendizagem, e que os sistemas de ensino garantam aos professores formação própria sobre a identificação e abordagem pedagógica (KESTELMAN, 2022, n.p.).

Seja esta lei mais recente, bem como tantas outras que dão suporte ao processo de medicalização dos corpos, de acordo com Sorbara (2016, p.82), elas desconsideram muitos aspectos da Lei de Diretrizes Bases (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Plano Nacional de Educação (PNE), colocando em risco o espaço escolar ao transformá-lo em espaço clínico, pois estas leis condicionam o professor a responsabilidade de responder questionários e realizar a descrição em relatórios de caráter, segundo o autor, “pseudomédico”. E frente a essas condições que entrelaçam e levam ao laudo do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade isenta o professor de sua responsabilidade frente ao processo de ensino-aprendizagem do estudante dito atípico e passa a direcionar a este aluno toda a responsabilidade de sua “não aprendizagem”. E isto permite que os problemas da educação não sejam refletidos e dialogados.

O que se encontra nas escolas tradicionais brasileiras é uma educação depositadora de conteúdo e normativa, sendo assim, frente a perspectiva de uma educação adaptada seria interessante pensá-la em uma concepção humanista a qual Freire (1969) descreve como

ibertadora, uma educação que estimula a criatividade e leva em conta as mudanças do mundo e as suas adaptações. Logo, ao abordar essa educação humanista, seria interessante pensar a respeito das práticas escolares, de acordo com CARVALHO; MENESES E PAGNI (2021) em que:

[...] construir práticas escolares que não partam da necessidade de classificação de alguns alunos quando comparados com outros. Criar espaços de diálogo para um exercício coletivo de pensamento, provocando o desejo de produção de um olhar que assuma a diferença como uma possibilidade de crescimento, invenção, criação na escola, e encontrar espaços para a reafirmação da diferença, diante de toda vontade de normalidade que sustenta as relações humanas, se configuram como potentes formas de agir. (CARVALHO; MENESES; PAGNI, 2021, p. 3).

Nesse sentido, Werneck (2004 *apud* REIS, FERREIRA, DIOGO 2021) aponta que esta prática deve gerar reflexões sobre o valor das diferenças individuais e seria interessante trazer o assunto para o contexto da diversidade e dos direitos humanos. Contudo, fazer uma educação transformadora como esta proposta, implica na necessidade de reformular o sistema de ensino e reconhecer a diferença como uma condição humana e social, por isso, atender as necessidades do estudante e propor atividades que promovam a reflexão, exploração de mundo e o avanço intelectual ontológico de ser mais do estudante, sobretudo, daquele com dificuldade ou atraso na aprendizagem deveria ser dever do professor e não apenas fazer valer algo porque este tem um laudo médico que condicione ações para o seu desenvolvimento.

Por isso, ao se tratar de inclusão, se torna necessário repensar o currículo escolar. Mittler (2003 *apud* REIS, FERREIRA, DIOGO 2021, p. 104), afirma que esta condição “envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola”.

Entretanto, nem sempre aquilo que está escrito no currículo é o que de fato acontece nesses espaços e assim cai-se na redoma da busca por um diagnóstico que enaltece as características tradicionalistas da escola que visa a ação normalizadora que, muitas vezes, limita, engessa, rotula e marginaliza as habilidades dos alunos e do processo de escolarização os caracterizando como inaptos e que, de acordo com Reis, Ferreira, Diogo (2021):

Ignora as estruturas sociais que impedem sua participação, concebe a deficiência/ transtorno como um fenômeno biológico, ou seja, baseando-se unicamente em características individuais de ordem clínica, situadas na

Independente de quem seja a obrigação de condução das nomenclaturas utilizada (normalização, integração ou inclusão), o que se espera no espaço escolar é que este ofereça uma educação de qualidade e que todos possam participar do processo de ensino-aprendizagem e que os desafios nas salas de aula sejam superados por abordagens não centradas na medicalização, porém, com dinâmicas interativas, colaborativas, com atividades que motivem a criatividade e valorize a singularidade humana. Assim, entende-se a necessidade da mudança das práticas pedagógicas nos espaços escolares onde os estudantes devem ser o foco de todo processo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como proposta entender o TDAH como uma problematização da captura discursiva da normalização educacional cujo intuito foi problematizar as ações categorizadas frente à produção do discurso estereotipado e classificatório sobre o estado (a)normalidades, tendo em vista o crescente número de laudos de TDAH.

Nesse contexto, a pesquisa expôs o transtorno a partir do seu contexto histórico, abarcando as acepções clínicas e ponderando sobre outro viés que são os fatores sociais e culturais bem como, a composição da sociedade contemporânea trazendo a investigação em canais midiáticos que concerne a discursividade presente em artigos selecionados que reforçam uma concepção médica e medicamentosa do TDAH como uma iniciativa de controle dos corpos.

A pesquisa se deu de forma bibliográfica, tendo como base as informações coletadas em livros, dados da internet, artigos acadêmicos e revistas que propiciaram a interpretação e estudo aprofundado do assunto. De tal modo, a pesquisa foi desenvolvida através de documentação indireta, visando obras de autores, dados, artigos e jornais populares que deram amparo e cientificidade.

Assim, a análise permitiu concluir que as questões sociais e culturais que compõem a sociedade refletem significativamente na vida do ser humano como aqui evidenciado, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem sido objeto de estudo de inúmeras pesquisas e discussões, em distintas áreas, principalmente, sobre como se dá o diagnóstico e quais são as suas causas, bem como, a sua possível cura através de medicamentos. Muitos estudos têm sido realizados com o intuito de encontrar causa biológica que explique o transtorno, porém, evidências inconclusivas de lesão ou disfunção neurofisiológica são condições que permanecem incertas, mas persistem como a causa para o cenário médico e reproduzido no educacional.

Mas, como evidenciado ao decorrer da pesquisa, o TDAH expõe a condição humana atual que está inserida em um contexto histórico muito amplo que caracteriza as relações sociais. Afinal, a criança que possui o TDAH é a criança da sociedade atual que vive em um mundo acelerado, que revela a desatenção humana e a inquietação ansiosa presentes na sociedade moderna movida pelos aparatos tecnológicos, pelos choques de imagens em sua excessiva repetição.

Desse modo, o TDAH se mostra como uma das grandes questões contemporâneas. Afinal, o número de crianças diagnosticadas com o transtorno e rotuladas pela dificuldade de aprendizagem e inquietude e que são medicadas, aumentam a cada dia. O que torna relevante discutir a temática mesmo que esta seja acolhida nos Manuais de Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM) que descrevem de forma nosológica o transtorno, relacionado ao desenvolvimento de psicofármacos pela indústria farmacêutica que promete “dar uma condição de vida normal” por meio de medicamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Francis Moraes de. **Os anormais**. Sociologias. Porto Alegre, n. 16, p. 360- 367, Dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222006000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 mar. 2021.
- AMARAL, Rogério do. **As contribuições da pesquisa científica na formação acadêmica**. Identidade Científica, Presidente Prudente-SP, v. 1, n. 1, p. 64-74, jan./jun. 2010. Disponível em:< file:///C:/Users/PARTICULAR/Desktop/JOCIANO/IC16textom>. Acesso em 09 mar. 2021.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 3 ed. 1980.
- AMORIM, Cacilda. **O que é TDAH-** Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Instituto Paulista de Déficit de Atenção. Publicado em: 16 março de 2009. Disponível em: < <https://dda-deficitdeatencao.com.br/tdah.html#>>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- AZEVEDO, Evelin. **Novo aplicativo de celular identifica traços de TDAH e Alzheimer**. O Globo. Rio de Janeiro. 03 de maio de 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/noticia/2022/05/novo-aplicativo-de-celular-identifica-tracos-de-tdah-e-alzheimer.ghtml>>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- BARBOSA, Mariana de Barros e Leite, César Donizetti Pereira. **Infância e patologização:** contornos sobre a questão da não aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2020, v. 24. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392020220707>>. Acesso em: 01 mai. 2022.
- BARBOSA, Jonis Marcos; RENNÓ, Sanseverino; SILVIA, Ana. **Os efeitos patologizantes das mídias sociais**. Intellectus Revista Acadêmica Digital. Vol. 60. n.1. 2020. Disponível em: <<http://www.revistaintellectus.com.br/artigos/69.862.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2022.
- BARBOSA, Mariana de Barros. **Infância, aprendizagem e patologização:** por entre cartas e escritas de si. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2018. Disponível em: < [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/180562/barbosa\\_mb\\_me\\_rcla.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/180562/barbosa_mb_me_rcla.pdf)>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Plano Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva – PNEEPEI/MEC**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf CAPONI, Sandra. **Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade:** classificação e classificados. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2009, v. 19, n. 4, p. 1165-1187. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000400014>>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf; CAPONI, Sandra. **Representações da mídia escrita/digital para o transtorno de deficit de atenção com hiperatividade no Brasil (2010 a 2014)**.

Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2017, v. 27, n. 04, p. 959-980. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000400006>>. Acesso: jun. 2022.

CALIMAN, Luciana Vieira. **Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH.** Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2010, v. 30, n., p. 46-61. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-989320100001000051>>. Acesso 01 maio 2022.

CARNAÚBA, Raquel Arruda et al. **Normalidade x anormalidade:** a relatividade dos termos. CES Revista, v. 31, n. 2, p. 253-266, 2017. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/1282/0>> Acessado 31 jul. 2022.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **A escola:** uma maquinaria biopolítica de rostidades?. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação- RESAFE, Brasília, n. 20, 4-29, maio-out. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/4576/4172/8163>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CARVALHO, Alexandre Filordi de.; MENEZES, Eliana P.; PAGNI, Pedro Angelo. **Diferença e corpo heterotópico da deficiência:** um convite para se pensar de outro modo a escola inclusiva. Revista Cocar, n. 13 (2022): Dossiê: Inclusão, diversidade e diferença no ensino superior. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4568>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

COLLARES, C. A. L., & MOYSÉS, M. A. A. (1996). **Preconceitos no cotidiano escolar:** ensino e medicalização. São Paulo, Cortez, 1996.

CORREIA, Clarissa Tambara. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (tdah):** entre diagnósticos e o desejado controle dos corpos. UNIVATES: Lajeado. nov. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/716>>. Acesso em: 05 maio 2022.

COUTINHO, Karyne Dias. Infância e Psicologia–Pedagogia. In: COUTINHO, Karyne Dias. **A emergência da psicopedagogia no Brasil.** Tese de Doutorado. UFRGS: Porto Alegre, p. 53-90, 2008. Disponível em: <[http://disde.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/404/2008\\_Coutinho\\_A%20emerg](http://disde.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/404/2008_Coutinho_A%20emerg)> Acesso em: 07 maio 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rafael. **Dissertação-filmica:** cinema, loucura e resistência. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90052/christofoletti\\_r\\_me\\_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90052/christofoletti_r_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 30. abr. 2022.

CRUZ, Bruna de Almeida et al. **Uma crítica à produção do TDAH e a administração de drogas para crianças.** Estudos de Psicologia (Natal) [online]. 2016, v. 21, n. 3, p. 282-292. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160027>>. Acesso em: jun. 2022.

DAUTRO, Grazziany Moreira et al. **A teoria psicogenética de Wallon e sua aplicação na educação.** Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46160>>. Acesso em: 26/11/2021.

**Déficit de Atenção:** responda o quiz e veja se você pode ter o TDAH. G1, Rio de Janeiro. 19

de setembro de 2021. Disponível em:

< <https://g1.globo.com/fantastico/interatividade/quiz/deficit-de-atencao-responda-ao-quiz-e-veja-se->>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DOMINGOS, N. A. M; RISSO, K. R. (2000). O transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade infantil. In: Silveiras, E. F. M. (Org.). **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil** (p. 63-83). Campinas: Papyrus 2000.

ENGUIITA, Marino Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERREIRA, Júlia Souza; IZEQUIEL, Veronica. **Telas para os pequenos? Riscos da tecnologia para o desenvolvimento infantil**. Colab. PUC Minas. 17 de junho de 2021. Disponível em: < <https://blogfca.pucminas.br/colab/telas-para-os-pequenos-riscos-da-tecnologia-para-o-desenvolvimento-infantil/>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

GAVAGAI: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. - Vol. 1, n. 1 (mar./abr. 2014). - Erechim: [s.n.], 2014.

GOLDENSTEIN, Eduardo; **TDAH: há uma epidemia por aí?**. Veja saúde. São Paulo, 30 mar. 2017. disponível em: < <https://saude.abril.com.br/coluna/experts-na-infancia/tdah-ha-uma-epidemia-por-ai/>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Souza; DIAS, Maria Tereza Fonseca. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**. 4. ed., ver. E atual. Belo Horizonte, MG: Del Rey, 2013.

GOLDENSTEIN, Eduardo; **TDAH: há uma epidemia por aí?**. Veja saúde. São Paulo, 30 mar.2017. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/coluna/experts-na-infancia/tdah-ha-uma-epidemia-por-ai/>>. Acesso em: 01 mai.2022

HAROCHE, C. **O sujeito diante da aceleração e da limitação contemporânea**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 851-862, dez. 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/cJdv4ZDH7D6tfwHnxrb9P5p/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

NEURO SABER. **Hiperfoco: o que é?** 27 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/hiperfoco-o-que-e-isso/>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

KROKER, K. (2004). **Epidemic Encephalitis and American Neurology, 1919-1940**. Bulletin of the History of Medicine, 78(1) 108-148.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

LANDSKRON, Lílian Marx Flor e SPERB, Tania Mara. **Narrativas de professoras sobre o TDAH: um estudo de caso coletivo**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]. 2008, vol.12, n.1, p.153-167. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-). Acesso em: 06 mar. 2021.

LEFEVRE, F. **A saúde como fato coletivo**. Saúde e Sociedade, v. 8, n. 2, p. 83-91, 1999.

LEGNANI, Viviane Neves, ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: uma discussão crítica**. Arq. bras. psicol. [online]. 2008, vol.60, n.1, p. 02-13. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v60n1/v60n1a02.pdf>>. Acesso em: mar. 2021

LESSA, Bruno de Souza; SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves; CARAGNATO, Célia Elizabete. **A educação moral em Émile Durkheim e as disputas contemporâneas em torno do sistema formal de ensino brasileiro**. Educação Unisino. 2019, v. 23 n. 2 (2019): abril/junho. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.232.03>>. Acesso em: jul. 2022.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; **Médico Francês questiona em livro o aumento de diagnóstico de TDAH**. Folha de São Paulo. 23 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/11/medico-frances-questiona-em-livro-o-aumento-de-diagnosticos-de-tdah.shtml>>. Acesso em: jul. 2022.

OLIVEIRA, Rodrigo Cardoso; SILVA, João Vitor da; CARDOSO, Victor Lucas de Santana. **TDAH e o uso prolongado das mídias sociais**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.1, p.2425-2434 Jan/Fev. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/24176/19352>> Acesso em: 01 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1946). **Carta da Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5733496/mod\\_resource/content/0/Constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20%28WHO%29%20-%201946%20-%20OMS.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5733496/mod_resource/content/0/Constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20%28WHO%29%20-%201946%20-%20OMS.pdf)> Acesso em: 01jul.2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo :Feevale, – 2.Ed. 2013, p. 70. Disponível em: <[https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod\\_resource/](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/). Acesso em jul. 2022.

PAGNI, P. A. (2021). **Ingovernável da deficiência, sua radicalidade ontológica e seus devires clandestinos na educação e na filosofia**. Revista Interdisciplinar Em Cultura E Sociedade, 157–178. Disponível em:< <https://doi.org/10.18764/2447-6498.v7n2p157-178>> Acesso em: jun. 2022.

PASTURA, Giuseppe; MATTOS, Paulo. **Efeitos colaterais do metilfenidato**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2004, v. 31, n. 2, pp. 100-104. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpc/a/sQDT8qkTXHYKngY5qM87z4F/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; FERREIRA, Cleonice Bicudo da Rocha; DIOGO, Itair Regina Carvalho. **Medicalização e práticas de normalização escolar: um caminho inverso para a inclusão**. MUIRAQUITÃ: REVISTA DE LETRAS E HUMANIDADES | Jul-Dez | ISSN: 2525-5924, v. 9, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufac.br/index.php/mui/article/download/5354/3422>>. Acesso em: jun. 2022.

RESENDE, Marina Silveira de; PONTES, Samira; CALAZANS, Roberto. **O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da existência.** *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 534-546, set. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000300008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 maio 2022. DOI - 10.5752/P.1678-9523.2015v21n3p534.

RICHTER, Bárbara Rocha. **Hiperatividade ou indisciplina?** – O TDAH e a patologização do comportamento desviante na escola. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

ROCHA, Cláudia; CARVALHO, Elisângela; PACHECO, Simone. Percebendo, sentindo e agindo de forma diferente. In: ZIEGER, Lilian. (org.). **Psicopedagogia: diferentes contextos, diferentes olhares.** Porto Alegre, p. 51-58, 2010.

SANCHES, Danielle. **Distraído ou com TDAH?** Entenda a diferença. Viva Bem, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/13/distraid> - . Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, Kelly Cristina Brandão. **Educação inclusiva: para todos ou para cada um? Alguns paradoxos (in)convenientes.** *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 21, n. 1, p. 163–178, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/Kxqphkn7MW8dqKVh73JhMsn/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 21 fev. 2021.

SORBARA, Giuliana Ferreira. **TDAH: uma doença que se pega na escola.** Tese (doutorado)-UNESP, Araraquara, SP. 2016. Disponível em :< [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao\\_escolar/3977.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/3977.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2022.

TIMIMI, S. **Pathological child psychiatry and the medicalization of childhood.** New York: Brunner-Routledge. 2002, p.190.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do Déficit de atenção.** / Tradução: José Pedro Antunes; Revisão de tradução Eduardo Guerreiro B. Losso. 1º ed- São Paulo: Paz e Terra, 2016.

VIVA BEM. **USO excessivo de mídias digitais pode aumentar déficit de atenção em jovens.** São Paulo, 19 de jul de 2018. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/07/19/uso-excessivo-de-midias-digitais-pode-aumentar-deficit-de-atencao-em-jovens.htm>>. Acesso em 01 de jul. 2022.

VIEIRA. Geração hi-tech:culto à tecnologia. *Administradores.com.* 02 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/geracao-hi-tech-culto-a-tecnologia>>. Acesso em:31 jul.2022.

VOLTOLINI, R. Saúde mental e escola. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. **Caderno de debates do NAAPA: questões do cotidiano escolar.** São Paulo, 2016. p. 81-95. Disponível em:< [https://www.sinesp.org.br/images/24\\_-\\_CADERNO\\_DE\\_DEBATES\\_DO\\_NAAPA\\_QUESTOES\\_DO\\_COTIDIANO\\_ESCOLAR.pdf](https://www.sinesp.org.br/images/24_-_CADERNO_DE_DEBATES_DO_NAAPA_QUESTOES_DO_COTIDIANO_ESCOLAR.pdf)>. Acesso em :20 abr. 2022.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sócio-Histórico,** Marta Kohl de Oliveira, 112 págs., ed. Scipione.

WALLON H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995. Disponível em: < <http://bds.unb.br/handle/123456789/210>>. Acesso em: 20 abr. 2022

YONESHIGUE, Bernardo. **Cafeína é capaz de aliviar sintomas do TDAH, mostra estudo.** O Globo Saúde. Rio de Janeiro. Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/caffeina-capaz-de-alivia>> Acesso em: 26 jun. 2022.

ZENKLUB. **Lisdexanfetamina:** o que você precisa saber sobre esse medicamento. Zenklub. 22 de abril de 2022. Disponível em: < <https://zenklub.com.br/blog/medicamentos/lisdexanfetamina/>> Acesso em: 26 jul. 2022























